



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura da MP que cria o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem) e institui a Secretaria Nacional da Juventude e o Conselho Nacional da Juventude**

**Brasília-DF, 01 de fevereiro de 2005**

Excelentíssimo senador José Sarney, presidente do Senado Federal,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro José Dirceu, ministro da Casa Civil,

Meus queridos ministros Márcio Thomaz Bastos, da Justiça; Roberto Rodrigues, da Agricultura; Fernando Haddad, interino da Educação; Ricardo Berzoini, do Trabalho e Emprego; Patrus Ananias, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Nelson Machado, do Planejamento; Agnelo Queiroz, do Esporte; Humberto Costa, da Saúde; Walfrido Mares Guia, do Turismo; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral; Jorge Armando Félix, do gabinete de Segurança Institucional,

Secretários de Estado,

Meu companheiro Nilmário Miranda, secretário dos Direitos Humanos,

Jaques Wagner, do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social,

Douglas Martins de Souza, interino de Políticas de Promoção da Igualdade Social,

Eu não posso ler todos os deputados, porque tem uma lista muito grande, aqui.

Meus queridos companheiros e companheiras deputados que tanto participaram,

Meu querido ministro Edson Vidigal, presidente do Superior Tribunal de Justiça,



Meu querido companheiro Fernando Pimentel, prefeito de Belo Horizonte,

Meus companheiros representantes de organismos internacionais,

Nossa querida Janaína,

Meu querido MV Bill,

Meus queridos representantes do Movimento de Inclusão dos Jovens,

Meus queridos companheiros de todo o Brasil,

A nominata está muito grande e eu posso levar um tempo enorme.

Hoje, na verdade, a minha vontade é de um improvizozinho, aqui, meu caro Marinho, mas como eu tenho que falar de uma espécie do ser humano da qual eu já pertenci, há pelo menos 40 anos, eu vou me atualizar aqui no discurso que está mais correto.

Tenho certeza de que ninguém no Brasil é indiferente à situação e ao destino da nossa juventude.

Mais do que isto: há muito que um verdadeiro clamor atravessa a sociedade, buscando criar um espaço no governo federal que funcione como canal de expressão, de debate e de novas oportunidades para a grande maioria dos jovens brasileiros.

Acredito que hoje é um dia feliz para todo mundo que é jovem no Brasil. Mas não só para os jovens de idade: eu, por exemplo, como pai, avô e Presidente da República, estou também muito feliz de estar aqui realizando um sonho que é compartilhado por tanta gente.

Trabalhamos duro, com intensa participação de entidades da sociedade civil e da Comissão de Juventude da Câmara dos Deputados, para elaborar conjuntamente uma política nacional para a juventude. E eu não queria, aqui, esquecer o extraordinário trabalho que fez, não apenas a Câmara dos Deputados, mas o Instituto Cidadania, um instituto que eu presidi antes de ser Presidente da República e que sob a coordenação do companheiro Paulo



Vanucchi, do dr. Camargo e sob a coordenação da Regina Novaes, possivelmente tenha elaborado a mais profunda pesquisa sobre a situação da juventude no Brasil que eu espero que, ao constituirmos a Secretaria e o Conselho, cada conselheiro da juventude tenha um livro daqueles para que tenha noção do patamar em que ele começou a ser membro do Conselho, e depois ele me diga, quando deixar o Conselho, o que nós conseguimos avançar no âmbito das conquistas da juventude.

O que significa isso? De um lado, significa tudo aquilo que o governo deve fazer pelo jovem, articulando e racionalizando cada vez mais os programas e ações ministeriais já existentes e, quando necessário, criando novos. De outro, significa criar condições para que os jovens possam fazer por si mesmos, pela sociedade e pelo Brasil o melhor que puderem, utilizando sua extrema vitalidade, alegria, criatividade, senso de justiça, irreverência e coragem.

Para concretizar tudo isso, formamos um grupo interministerial, que cumpriu dedicadamente suas funções, e hoje estamos aqui, criando a Secretaria Nacional da Juventude que, como disse o Dulci, ficará vinculada a ele próprio.

Tenho certeza de que esta nova Secretaria vai funcionar como um canal verdadeiramente ecumênico de interlocução entre governo e sociedade.

Um canal destinado a engajar os diferentes Ministérios e variados movimentos de jovens e de entidades que trabalham com as questões dos jovens no Brasil.

É também por este motivo que estamos criando o Conselho Nacional da Juventude, que reforçará ainda mais essas parcerias, aprofundando, avaliando e enriquecendo tanto a formulação como a execução de uma tarefa que é de todos.

Meus queridos jovens,

Meus queridos jovens do Brasil,



O Brasil nunca teve tanta juventude como agora. Embora nossa taxa de natalidade esteja em declínio, a verdade é que temos 34 milhões de pessoas na faixa etária de 15 a 24 anos – portanto, mais que o dobro da população idosa atual.

Entre 20 e 24 anos, são quase 18 milhões de moços e moças, o que significa que nunca houve na vida nacional outra geração jovem tão populosa quanto esta de 2005.

É como se o equivalente à população de uma Argentina inteira, somente formada de jovens, estivesse se lançando, de uma só vez, nessa travessia de vida aqui no Brasil. Muita coisa está em jogo no país diante de um quadro de tal dimensão.

Nós sabemos que a sociedade humana sempre vislumbra o futuro com esperança. E que a janela mais luminosa que nos impulsiona para a frente é a da juventude.

Aquilo que somos e aquilo que poderemos ser, nossas carências e causas, fundamentam-se no rosto de cada jovem e de cada nova geração.

Muitas são as incertezas no destino de um povo. Mas uma coisa é sempre certa: quando ele se dissocia da sua juventude é porque um distúrbio grave está em curso – e isso, mais cedo ou mais tarde, acaba comprometendo o futuro de toda a sociedade. Foi um pouco o que aconteceu no Brasil no passado recente.

Em 1989, existiam 6,9 milhões de jovens empregados com carteira assinada no país. Dez anos depois, restavam 4,9 milhões de jovens empregados.

De cada cem jovens brasileiros, vinte ingressaram no século XXI desempregados.

Formou-se assim um enorme sumidouro de sonhos equivalente a 48% do desemprego nacional. O resultado é tragicamente conhecido.

Com inquietante freqüência, a sociedade brasileira passou a se informar



sobre muitos dos nossos jovens pelo noticiário policial.

Um dado resume todos os demais: a idade mais radiosa da existência, aquela em torno dos vinte anos, tornou-se o epicentro da violência brasileira.

O total de mortes por arma de fogo, nessa faixa, cresceu 134% na década de 90. A Unesco coloca o Brasil como o quinto país do mundo em assassinato de jovens.

A verdade é que, durante muito tempo, o Brasil tratou a sua juventude como uma terra devoluta. Como uma fronteira abandonada, esquecida, sem proteção e sem destino.

Meus amigos e minhas amigas,

O Estado deve ser o indutor da esperança e não o agente da desilusão na vida de um povo e de sua juventude. Para isso, entretanto, é preciso inscrever o futuro nas políticas do presente.

Foi o que nós procuramos fazer nestes últimos dois anos, num esforço concentrado para reconciliar a economia com as demandas sociais acumuladas na sociedade brasileira.

Corrigimos a fratura entre os meios e os fins: o país voltou a crescer e o desemprego está caindo.

Não vou cansar vocês com muitos números. Mas é preciso lembrar que nossas exportações aumentaram muito e o saldo em conta corrente chegou a US\$ 14 bilhões de dólares em apenas dois anos.

Criaram-se dois milhões de novos empregos nesse período. O rumo consolidou-se e o horizonte se abriu: a esperança, de novo, é nossa aliada.

Nós conseguimos retomar o crescimento do país e colocá-lo numa rota de desenvolvimento sustentado, apesar das dificuldades que encontramos e vencemos juntos.

Estamos também fazendo um esforço dirigido, concentrado, persistente para que as ações diretas do Estado, juntamente com a sociedade, resgatem cada vez mais os valores da convivência, superando anos de cumplicidade



entre o privilégio e a segregação.

Quando se pergunta porque a droga ocupou o espaço do sonho na vida de tantas pessoas, é preciso indagar: qual foi o espaço reservado aos sonhos e às mudanças nas últimas décadas?

Nossa resposta traduz a competência da qual nos orgulhamos, a que está a serviço do bem do país e da justiça social.

Meus amigos e minhas amigas,

A Política Nacional da Juventude é parte desse enorme esforço para dotar o desenvolvimento brasileiro de um projeto social que o conduza e garanta assim, cada vez mais, a destinação humana da economia e do nosso progresso.

Ela se dirige a todos os jovens que terão aí seu espaço para se expressar e agir. Mas há uma prioridade que não pode ser adiada nem mais um dia. Falo de uma parte da nossa juventude, com idade entre 18 e 24 anos, que não está em lugar nenhum. Não está na escola, não está no trabalho, e muitas vezes, lamentavelmente, talvez não esteja sequer no abrigo de sua família.

Para estes jovens, que estão entregues à própria sorte, repito, estamos criando hoje uma nova oportunidade: o Programa Nacional de Inclusão de Jovens, que constituirá um dos eixos da Política Nacional da Juventude.

A meta do ProJovem, o Dulci já disse, é trazer essa parcela de moços e moças de volta à escolaridade, para que possam concluir seu ensino fundamental e seguir estudando ou incorporar-se ao mercado de trabalho. Além disso, a gostosa tarefa de prestar serviços comunitários.

Os jovens incluídos no Programa receberão do governo federal um incentivo no valor de 100 reais por mês e participarão, durante 1.200 horas, de cursos de formação organizados em parceria com as prefeituras conveniadas.

O ProJovem será dirigido conjuntamente pelo Ministro da Educação, Secretaria-Geral, Ministro do Trabalho e Ministro do Desenvolvimento Social e



Combate à Fome.

Temos certeza de que a juventude brasileira quer fazer muito por si mesma e pelo Brasil. Grandes conquistas neste país foram feitas com a mobilização dos jovens. A disponibilidade para a ação, o sentimento de entrega e a busca de justiça, tudo isso é inesgotável nos nossos jovens.

Meus companheiros e minhas companheiras,

Já disse que o Brasil vive um momento muito especial com sentimentos e buscas à flor da pele. Temos uma energia fabulosa que clama por florescer. Ignorar tamanha oferta e tão abundante safra de talentos seria renunciar à própria renovação histórica do nosso povo.

Temos, portanto, desde o início do nosso governo, procurado nos empenhar para resolver os principais problemas da juventude.

O ProJovem vem se somar a diversos programas e ações do governo que estão sendo executados como o ProUni, o Programa Segundo Tempo, do Ministério dos Esportes; o Programa Primeiro Emprego, Escola de Fábrica que, logo, logo vai ser introduzido. Já tem 600 empresas conveniadas com o Ministério da Educação, com o Ministério do Trabalho. E um dos programas que mais me deu orgulho foi participar, sexta-feira, ou melhor, quinta-feira, em São Paulo, da entrega da bolsa do Programa ProUni. O ProUni foi o resultado de uma inquietação que, desde o começo do governo, eu pedia para vários ministros, inclusive o companheiro Walfrido, do Turismo, que está aqui, que é dono de uma escola particular, e eu dizia que era preciso a gente encontrar uma saída para garantir aos estudantes que não pudessem entrar nas universidades públicas, um jeito deles terem bolsa de estudo para estudar, mesmo que numa escola privada.

Foi com criatividade que os nossos companheiros Tarso Genro, Fernando Haddad e outros companheiros criaram o ProUni, numa parceria com as escolas filantrópicas, com as entidades de ensino privadas. Com uma certa isenção de impostos do governo e por conta dessa isenção, as universidades



nos deram as vagas no valor do custo da isenção.

Tivemos o gostoso prazer de anunciar 112 mil novas vagas nas universidades brasileiras para atender um público de classe média que, muitas vezes, não pode pagar; para atender ao público da escola pública, muitas vezes, da periferia, que não podem pagar; para atender a uma parcela significativa da comunidade de jovens negros do nosso país e para atender a uma quantidade enorme de jovens indígenas que também sempre foram segregados. Ora, é pouco diante do que nós precisamos. Mas é muito se nós olharmos o que tinha sido feito antes do Programa.

Temos também realizado um enorme esforço de alfabetização e feito investimentos maciços no ensino médio e profissionalizante; e já estamos avançando nos debates em torno da necessária reforma universitária.

Fico muito feliz ainda com a garantia de formação profissional e de cidadania, que está sendo dada pelas nossas Forças Armadas a mais 30 mil recrutas no projeto Soldado Cidadão. Esse é importante explicar para a juventude. O ano passado, no mês de junho, as Forças Armadas brasileira recrutaram 30 mil jovens a mais do que recrutaram nos últimos 15 anos. E recrutaram esses jovens não apenas com o intuito desses jovens servirem às Forças Armadas, mas para que esses jovens, no tempo em que estivessem servindo às Forças Armadas, aprendessem uma formação profissional. E eu tive a oportunidade de visitar agora jovens aprendendo computação, jovens aprendendo a pintar carro, aprendendo a mexer com a parte elétrica do carro, aprendendo a fazer casa, aprendendo a fazer cisterna, jovens da agricultura familiar aprendendo a cuidar de pequenos animais, numa demonstração extraordinária de que o projeto é um sucesso e que ele pode ir crescendo de acordo com as possibilidades financeiras do próprio governo.

E também a questão do Projeto Rondon. Quando nós falamos do Projeto Rondon, que começou pela Amazônia, muita gente pensa que é apenas o jovem que vai para a Amazônia ensinar. É verdade que a gente está pegando





jovens já com uma boa formação e está mandando para algumas regiões mais carentes do país. E esse jovem vai poder ensinar muita coisa à população de lá. Mas, certamente, esse jovem vai aprender mais do que ensinar, porque ele vai ter uma dimensão do que é o Brasil e de quanto heterogêneo, do ponto de vista cultural, é este nosso país.

E agora, com a criação da Secretaria e do Conselho Nacional da Juventude estamos dando um forte salto qualitativo nas políticas públicas brasileiras voltadas para os jovens. Vamos intensificar uma ampla e profunda sementeira em favor da juventude brasileira.

Tenham certeza de que o Brasil já começa a colher os frutos dessa mudança, e continuará colhendo-os, de forma extraordinária, muito mais cedo do que possamos imaginar.

Eu queria dizer a vocês, por último, que vai ser um trabalho árduo entre criar a Secretaria, entre assinar a Medida Provisória que vai para o Congresso para ser votada, passa pela Câmara, depois passa pelo Senado. Se tiver mudança, volta para a Câmara. Sessenta dias para que a gente crie o Conselho. E aí é que vocês vão começar a perceber a diferença entre estar próximo da água e aprender a nadar, ou seja, aí é que vocês vão construir, a partir da Secretaria e a partir do Conselho, a força e as políticas públicas que vocês precisam construir.

E como é o trabalho, na minha visão? Vocês podem trazer a juventude brasileira para dentro do governo, proposta de políticas públicas e fazer com que cada ministro passe a ter em vocês uma referência das boas políticas que o Brasil precisa para a juventude. E, ao mesmo tempo, vocês poderão levar do governo para a sociedade, as boas políticas públicas que estamos fazendo para a própria juventude.

Essa integração entre o Estado e a sociedade, entre governo e juventude é que vai garantir que a gente possa ter, daqui a alguns anos, é importante dizer, daqui a alguns anos, porque vocês perceberam que o Dulci



foi muito realista ao dizer 200 mil jovens para este ano, num país com uma quantidade enorme de jovens, mas a gente quer começar de forma sólida. Me dizia um ministro esses dias: “é melhor começar pequeno para que a gente possa terminar grande.

Nós não vamos começar este Programa sem o cuidado de que a criação de uma Secretaria, que é uma reivindicação histórica da juventude, a criação de um Conselho, que é uma reivindicação histórica da juventude, sejam atropelados pela pressa.

Nós, do governo, eu, por exemplo, tenho menos de dois anos de mandato, mas, vocês, com essas caras de 20 anos aí, vocês têm a vida inteira para transformar esse Conselho num instrumento institucional que possa fazer valer para sempre uma política de juventude no Brasil. Ah, mas poderia entrar um outro governo e mexer com isso. Poderia, se vocês não estiverem organizados. Se estiverem organizados, qualquer um que entrar vai ter que levar em conta a organização de vocês.

A juventude, ela é uma inquietação minha, acho que é uma inquietação de vocês, acho que todos os dias vocês levantam inquietos, porque no tempo em que eu tinha a idade de vocês o mundo era menos perverso, a gente não vivia subordinado ao clima de violência, era um mundo em que a gente tinha mais possibilidades de ter uma oportunidade de trabalho, portanto, as esperanças iam acontecendo, se concretizando a cada tempo. Hoje, pelos números que vocês viram aqui, vocês percebem que está cada vez mais difícil um jovem arrumar um emprego. Se ele não tem emprego, se ele não consegue fazer uma universidade, se ele não tem nenhuma expectativa e vive em função do grau de empobrecimento da sua própria família, em função das condições de vida que ele leva, nem sempre morando em situações adequadas, esse jovem passa a andar no fio da navalha. De um lado, ser um cidadão de bem, de outro lado, cair na marginalidade.

E muitas vezes, eu quero dizer isto, aqui, Dulci, porque é importante: nós



não queremos substituir a família, nós queremos apenas ser uma espécie de prumo, porque o que nós precisamos garantir neste país é que a juventude tenha na sua família a grande referência para que discuta os problemas e para que possa encontrar as soluções.

O Estado não substitui o afeto da mãe ou do pai, o Estado não substitui o carinho e o amor do pai e da mãe. E nós sabemos que, na medida em que o Brasil comece a dar mais certo ainda, na medida em que a economia começa a crescer mais ainda, pais e mães estarão podendo trabalhar e, certamente, vocês terão dentro de casa mais condições até do que o Estado pode oferecer para vocês.

Portando, meus queridos companheiros, que vão assumir este Conselho, que eu não sei quem é; que vão assumir este trabalho imenso com a juventude, o que nós estamos fazendo para vocês na verdade é o seguinte: é transferindo a boa carga de responsabilidade; transferindo, não, repartindo a boa carga de responsabilidade entre governo, juventude e a própria família, para ver se todos nós juntos, sonhamos que, daqui a alguns anos, a nossa juventude terá conquistado, definitivamente, a alegria e o prazer de ser jovem.

Muito obrigado, boa sorte e vamos à luta meus queridos!